

O E S S E N C I A L S O B R E

Leonardo Coimbra

Ana Catarina Milhazes

INCM
IMPRESA NACIONAL CASA DA MOEDA

O ESSENCIAL SOBRE

Leonardo Coimbra

O E S S E N C I A L S O B R E

Leonardo Coimbra

Ana Catarina Milhazes

Índice

- 7 **Introdução**
- 9 **A Vida**
- 17 **A Obra**
- 21 **O Político/O Reformador Social**
- 29 **O Mestre/O Filósofo**
- 37 **O Orador/O Homem Espiritual**
- 43 **Conclusão**
- 45 **Bibliografia essencial**

Introdução

Este *Essencial* sobre Leonardo Coimbra pretende dar a um público lato um breve e seletivo resumo desta figura nacional, no que ela teve de político, intelectual e homem espiritual. Ficou célebre a caracterização que Teixeira de Pascoaes fez do seu amigo Leonardo Coimbra, falando dele como uma Trindade: o orador, o professor, o filósofo. Talvez no orador caiba o político, no professor o intelectual e no filósofo o homem espiritual. Todos eles se cruzam — porque talvez ainda o professor caiba no orador, se encontramos o intelectual no político; o professor caiba no filósofo, se o intelecto seguir a par da vida do espírito; e talvez também o orador caiba no filósofo, se a filosofia procurar a harmonia dos espíritos. Procuraremos dar a conhecer esta figura que foi várias. A caracterização de Pascoaes é confessadamente subjetiva; mas, enquanto síntese, é complexa e em parte insuficiente, como as sínteses acabam por ser. Também *O Essencial* o será. A síntese tem menos a capacidade de estagnar a

matéria que resume do que a virtude de pôr em suspenso uma resposta para poder levantar outras. Este breve contributo pretende ser uma introdução à figura e obras tão ricas que foram Leonardo Coimbra e os seus feitos.

A Vida

Leonardo Coimbra nasceu em Borba de Godim, atual cidade da Lixa, concelho de Felgueiras, no final do século XIX, em 1883. A sua família era uma família burguesa da zona rural do Marão, seu pai era médico e sua mãe era proveniente duma família tradicional. Leonardo foi o segundo dos oito filhos do casal. A primeira fase da sua vida situa-se num período agitado de crescente reação à Monarquia Constitucional, que muito se deveu à ascensão da burguesia e ao aparecimento de doutrinas políticas como o Socialismo, o Republicanismo e o Anarquismo. Neste período, além dos conflitos políticos e ideológicos que conturbavam o país, vivia-se ainda uma grave crise económica e financeira.

Leonardo fez o curso liceal no Colégio de Nossa Senhora do Carmo, em Penafiel, com o seu irmão mais velho. Deste período, recordará a disciplina excessiva do internato. Não obstante, mostrou-se um aluno muito competente, quer nas matérias

científicas quer nas literárias. Terminado o liceu com 14 anos, faltavam ainda, legalmente, três meses para que Leonardo pudesse ingressar na universidade. Obteve a dispensa da lei por uma portaria que foi anexada à sua matrícula e conseguiu entrar para a Faculdade de Filosofia da Universidade de Coimbra, em setembro de 1898. Cursou Físicas e Matemáticas. Mas o Leonardo adolescente viu despertar em si a vontade de uma certa desobediência, em contraste com o rigor de submissão exigido no Colégio. Em quatro anos de estudo universitário, Leonardo fez apenas três cadeiras: Física, Matemática e Desenho. Estas eram as cadeiras necessárias para entrar na Escola Naval, para onde Leonardo tinha decidido candidatar-se. Associada a esta escolha, ou sendo mesmo uma das motivações dela, está o entusiasmo que Leonardo manifestou pela cultura física, praticando remo, esgrima e natação, e distinguindo-se no halterofilismo. Leonardo Coimbra tornou-se um homem encorpado, embora não muito alto (174 cm, está escrito no seu B. I.), como nos mostram as fotografias. Era este o homem que, pela sua robustez, todo o país esperava ver recuperado do desastre automóvel que sofreu, em 1936. Mas a morte é sempre inesperada; é sempre um acidente — pelo menos, para quem a vê *de fora*.

Em Coimbra frequenta ainda as cadeiras de Economia Política e de Direito Económico, por exigência curricular. O interesse pela política ganhava raízes. Segue, em 1903, para a Escola Naval e, um ano depois, é promovido a aspirante da Marinha. São seus colegas Mendes Cabeçadas, seu amigo que virá a ser almirante, e António Sérgio, que

se tornará seu opositor ideológico e político mas que foi, por ali, seu instrutor de remo. Malgrado o ânimo que despertou, a vida da marinha revelou-se, em pouco tempo, uma decepção: a primeira viagem num navio-escola foi singularmente árdua e Leonardo foi atormentado por um permanente enjoo. Esta experiência sugeriu-se incompatível com o temperamento vivaz de Leonardo. Pediu, por isso, a demissão e voltou à Universidade, agora à Academia Politécnica do Porto, com o intuito de obter o Curso de Habilitação ao Magistério.

Apesar de mais focado, Leonardo mostra-se ainda pouco rigoroso com os estudos e atrasa a conclusão do curso por, pelo menos, um ano. É neste período, e talvez sirva de explicação para o atraso mencionado, que se casa com Maria Amélia Coimbra, que conhece desde a infância. É também desta época a sua adesão ao movimento libertário do anarquismo utópico. Tem, então, 23 anos, idade que marca o início da sua atividade literária.

Os primeiros artigos manifestam clara preocupação com as questões político-sociais. Percebe-se, de início, alguma hesitação entre o texto de cariz mais filosófico e o de cariz mais literário — confusão que permanecerá, de modo muito frutuoso, em toda a sua obra. No entanto, deve dizer-se que a trajetória de Leonardo Coimbra é mais claramente filosófica, embora Leonardo parecesse, de início, dirigir-se para a carreira literária, através de alguns textos dentro do género da crónica romântica.

Durante o franquismo, em 1907, em conjunto com Jaime Cortesão, Cláudio Basto e Álvaro Pinto, funda e dirige a revista *Nova Silva*, órgão político de orientação libertária. O primeiro artigo de

Leonardo Coimbra para esta revista («O homem livre e o homem legal») defende a primazia da consciência individual face à lei, expressando uma ideologia anarquista (não exatamente uma doutrina anarquista), que tem como base da sua axiologia a liberdade. É também nesta fase que Leonardo inicia a sua ação política, envolvendo-se na crise académica de 1907, que teve repercussão para além do âmbito universitário.

Ainda em colaboração com Jaime Cortesão e Álvaro Pinto, surge, em 1908, a Sociedade Amigos do ABC — cujo nome alude ao «*l'abaissé*» de Vítor Hugo — que pretendia combater o analfabetismo. Nesse mesmo ano, constitui-se o grupo político-literário da Nova Seara. Ainda nesse ano nasce o primeiro filho de Leonardo Coimbra, cuja presença será absolutamente marcante para o filósofo e para o seu pensamento, por duas razões: porque a convivência com a criança orienta algumas das grandes questões do seu pensamento, motivando nomeadamente o seu interesse pela psicologia, e porque a infausta morte do menino, aos quatro anos de idade, o intimará a refletir sobre um tópico-chave da sua obra: a morte.

Em 1909, Leonardo termina o Curso de Habilitação ao Magistério Secundário e vai viver para Lisboa, com sua esposa e seu filho, para frequentar o Curso Superior de Letras. Aí, obtém distinção a todas as disciplinas e consenso na avaliação da dissertação. Regressa, em 1910, ao Porto, onde foi colocado como professor de Matemática do Liceu Central. Foi, depois, diretor no Colégio dos Órfãos, em Braga, em 1911; professor na Póvoa de Varzim (onde nasceu o seu segundo filho, o médico Leo-

nardo Augusto Coimbra), em 1914; professor em Lisboa, no Liceu Gil Vicente, entre 1915 e 1919; professor e diretor da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, criada por Leonardo, quando foi ministro da Instrução em 1919; e, em 1931, novamente professor liceal, no Liceu Rodrigues de Freitas, após a extinção da Faculdade de Letras. A figura do professor será, desde a sua estreia, uma figura permanente de Leonardo Coimbra. Será professor, educador e pedagogo; na escola, na política, nas assembleias cívicas e culturais. O sentido de missão que inspirou Leonardo Coimbra realiza-se também na ação desta figura de professor.

O movimento da Renascença Portuguesa aparece em 1912, com sede no Porto. Dele participarão Jaime Cortesão, Teixeira de Pascoaes, Raul Proença e outros. Foi o núcleo cultural mais dinâmico do País, desse período. A partir dele se compõem e divulgam uma revista, *A Águia*, um jornal quinzenário, *Vida Portuguesa*, uma editora homónima e uma Universidade Popular. Ainda em 1912, Leonardo concorre ao lugar de professor assistente do Grupo de Filosofia da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

A carreira política, iniciada no movimento anarquista, começa formalmente, em 1914, quando Leonardo adere ao Partido Republicano Português. Será eleito deputado pelo partido em 1922. Leonardo Coimbra foi ministro da Instrução em dois mandatos de curta duração, em 1919 e em 1922. Em 1925, Leonardo abandona o Partido Republicano Português e aproxima-se da Esquerda Democrática, sem que tenha conseguido ser eleito deputado. A partir daqui, o seu afastamento da vida

política foi gradual e progressivo, começando então a penetrar no estudo da teologia e aproximando-se da ortodoxia católica. Entretanto, tinha-se dado o golpe militar de 1926, que possibilitou a constitucionalização do Estado Novo, em 1933. Leonardo estava formalmente desassociado da vida política, ainda que a sua opinião fosse considerada muito influente. Por esta razão, quis o Estado Novo insinuar o seu apoio. A resposta de Leonardo foi sempre um inabalável não. A publicação de *A Rússia de Hoje e o Homem de Sempre* (1935) provocou alguma equivocada aproximação entre o filósofo e o Estado Novo, pelo facto de ambos partilharem uma crítica feroz do comunismo — mas a crítica de Leonardo era mais filosófico-teológica, enquanto a do Estado Novo era marcadamente programática ao nível político. Leonardo Coimbra e Oliveira Salazar tinham personalidades opostas e dispostas ao conflito. Quando Salazar visitou, em abril de 1934, o Liceu Rodrigues de Freitas, onde Leonardo era professor, este renunciou aos cumprimentos oficiais. Ao comentar, depois, o breve encontro que teve, nesse dia, com Salazar, por vontade deste, terá dito de modo incisivo: «É burro! Disse-me que eu devia ser mais acessível.»¹

Leonardo tinha visto os seus esforços políticos malogrados — e, em política (senão em tudo) pode fazer-se muito pouco sem colaboração. O apelo da ortodoxia católica era mais promissor, mais *gracioso* também. A profissão pública

1 Cf. SANTOS, Alfredo Ribeiro dos, *Perfil de Leonardo Coimbra*, Lisboa, Fundação Lusíada, 1988, p. 373.

ao catolicismo acontecerá no Natal de 1935, a 23 de dezembro.

A 30 de dezembro do mesmo ano, regressando de uma visita à sua terra-natal, o automóvel em que seguia despista-se, na descida da Serra de Baltar. É transportado para o Hospital de Santo António, no Porto, onde, incapaz de resistir aos ferimentos, virá a falecer no dia 2 de janeiro de 1936. Escrevem os jornais da época que o seu funeral teve a maior manifestação de pesar vista até então na cidade do Porto.

A Obra

A Obra de Leonardo Coimbra é constituída por escritos e transcritos (no caso dos discursos orais) de natureza e tópicos heterogéneos. Para além das obras em livro, existem artigos, registos de intervenções parlamentares, de comícios e manifestações políticas, de intervenções em assembleias cívicas e culturais, registos de entrevistas e cartas pessoais. Os livros, 18, são dos âmbitos filosófico e científico, com extensão ao literário. Nas bibliografias mais atualizadas, os artigos são em número de 243. Estes são, normalmente, mais focados nas problemáticas da atualidade, da vida social, cívica e política, com particular preocupação ética e de intervenção político-social. Há, contudo, também artigos de crítica literária e artística, bem como de reflexão espiritual e religiosa. Os discursos proferidos, alguns deles encontram-se hoje transcritos, dão conta das diversas intervenções de Leonardo: são sessões parlamentares, académicas, conferências de homenagens oficiais e populares, elogios

fúnebres e apresentações de divulgação cultural. Estes discursos, nas várias tipologias e abrangendo diferentes temáticas, que foram transcritos nos jornais e nos periódicos, são, pelo menos, 163. As entrevistas registadas são 27 e as cartas publicadas ou arquivadas são 25.

Os livros mais sistemáticos e destacados pelos investigadores da sua obra são *O Criacionismo* (1912), *A Morte* (1913), *A Alegria, a Dor e a Graça* (1916), *A Luta pela Imortalidade* (1918), *A Razão Experimental* (1923) e *A Rússia de Hoje e o Homem de Sempre* (1935).

A primeira obra foi escrita para que Leonardo pudesse concorrer ao lugar de professor assistente do Grupo de Filosofia da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. A adversidade — mais se diria incompetência — da leitura feita pelos avaliadores levou Leonardo a desistir do concurso. *O Criacionismo*, marcado pela ideologia anarquista de um modo singular e heterodoxo, é repassado por uma liberdade transcendente, que se dirige a uma religiosidade cósmica. A superação do materialismo e do cientismo, a reflexão das experiências estética e moral como únicas vias para o Amor infinito de um socialismo cósmico, a realidade como pluralidade unificada são algumas das traves mestras d'*O Criacionismo* que percorrerão a restante obra de Leonardo. O entusiasmo com que finda a escrita da obra é abalado não só pela má receção académica mas também, mais gravemente, pela morte do seu primeiro filho.

Leonardo, profundamente afetado, escreve, em lembrança do menino, *A Morte*, em 1913. O otimismo latente n'*O Criacionismo* sairá, contudo, forta-

lecido e vigoroso n' *A Morte*. O otimismo, que vem mais do desejo de se querer o mundo bom do que do facto de este o ser, progredirá mais forte e seguro. Também *A Alegria, a Dor e a Graça* e *A Luta pela Imortalidade* trazem luz sobre esse otimismo. Leonardo escreve na dedicatória deste último livro que havia «chegado a conclusões optimistas sobre o mundo como sociedades de seres imperecíveis» e que a morte do seu filho fora «a grande experiência, o meu pensamento à prova crua e insofismável». Foi perante este repto que Leonardo escreveu uma «promessa de ressurreição», como lhe chama. Paralelamente, estes livros desenham o caminho para uma adesão, que será no final da sua vida, plena ao catolicismo. *A Razão Experimental* é o aperfeiçoamento da sua primeira obra, logo, do seu sistema filosófico mais ordenado, que dá pelo nome de *criacionismo*. A partir d' *A Razão Experimental* aparecem já, no trabalho de Leonardo Coimbra, a clareza e profundidade da metafísica cristã e da doutrina católica de um modo bastante afirmado. O seu último livro, *A Rússia de Hoje e o Homem de Sempre* é um livro admirável sobre o que de *mais* sobrevive no homem, sobre o que lhe é eterno e inabalável, constituindo uma síntese harmoniosa entre o *criacionismo* e o humanismo cristão.

Se se pode encontrar no seu último livro, *A Rússia de Hoje e o Homem de Sempre*, uma síntese coesa entre o *criacionismo* e o cristianismo é porque as motivações de Leonardo Coimbra foram sempre, no início como no fim, as mesmas. Os temas e problemas que o filósofo quis ver resolvidos são recorrentes e notam o quão sistémica foi a sua reflexão. Lembremos que o subtítulo

da sua primeira obra é «*esboço* de um sistema filosófico». O tema da Morte e da Imortalidade é um dos tópicos recorrentes, como o são também o do sofrimento (a Dor) e o otimismo (a Alegria); o da Graça e o do Exemplo de Cristo; o da relação Espírito-Matéria, contestando o materialismo seco, sem alma; e o da relação Ação-Palavra.

A variedade de temas e a abrangência de disciplinas abordadas na obra de Leonardo Coimbra faria pensar em alguma dispersão, incoerência e eventual vulgaridade daquele que segue ao sabor do vento. Porém, à medida que o leitor (esforçado) se adentra na obra, descobrirá nela o fio condutor que une todos os textos, de início aparentemente dispersos.

Dissemos na introdução deste *Essencial* que existem várias figuras em Leonardo e dissemos também que elas se cruzam e confundem porque todas correm para o mesmo fim. Tentaremos resumir o essencial de cada uma delas, cabendo ao leitor notar onde elas se cruzam, procurando assim iniciar-se na procura do fio condutor da sua obra e da sua vida — porque, em Leonardo Coimbra, as duas estão claramente comprometidas. O político, o filósofo e o orador que encontramos em Leonardo concorrem para uma visão coerente e dinâmica da realidade, concebida como uma extraordinária experiência de elevação à plena revelação e realização do Amor, que é Deus.

O Político/O Reformador Social

Leonardo diz, numa entrevista de 1923, já bastante entrado na vida política, tendo sido já por duas vezes nomeado ministro da Instrução Pública: «Venho fazer política de conciliação. Congregar todos os portugueses que valham alguma coisa, dentro da República.»² Na política de Leonardo Coimbra misturam-se moral e pedagogia. O seu esforço político ia no sentido de contestar a desonestidade administrativa que minava o País, como ia também no sentido de ensinar o amor e o respeito ao lugar de cada um. Numa outra entrevista, diz Leonardo que «a minha política é a pedagogia», e completa: «Percebam que só por incidente [...] me meto na política: não me *pisem* que não lhes farei sombra política.» A militância política de Leonardo é o contrário do que hoje

2 COIMBRA, Leonardo, *Obras Completas*, vol. VI, «[Entrevista ao jornal *Novidades* (Porque regressa à política?)]», Lisboa, INCM, p. 105.

é mais costume ser: total recusa do poder e da autoridade *per si*. Além do mais, a política de Leonardo Coimbra é uma política de reconciliação e tolerância. O esforço político de Leonardo vai, na verdade, de encontro a uma exigência de ordem moral: a de uma organização social ascendendo a um plano ético superior. Por esta razão, aliás, o filósofo desacreditaria as insignificâncias ociosas da vida política partidária. Tanto assim que, para além de se ter aproximado e desaproximado de várias tendências políticas sem nunca encontrar o seu lugar, ironizou também acerca de certo ludismo da organização política, dizendo que *esquerda* e *direita* são coordenadas do espaço e não realidades político-sociais ³.

Desde o início das suas manifestações políticas, Leonardo procurou assinalar que o Republicanismo deveria surgir não apenas como uma reforma institucional, mas deveria também surgir como uma reforma social, que procurasse a aculturação cívica do povo. A cumprir este desígnio teremos o mestre e o orador. A questão da educação teve um destaque primordial nos debates e intervenções públicas republicanas que aconteceram nas últimas décadas da Monarquia. Considerava-se então que a educação era o meio de progresso social e civilizacional mais fecundo. Os altos níveis de analfabetismo limitavam uma consciência cívica, de uma fraternidade ordenável e planificável. A valorização da pedagogia, da

3 Idem, *ibidem*, «[Entrevista sobre o Ensino Religioso]», Lisboa, INCM, pp. 75-76.

sociologia e da psicologia, notada nesse período do final do século XIX, explica-se pela crença na mudança que a educação inspirava. O empenho em fazer chegar ao povo lições de uma história e de uma memória comuns foi um dos marcos da ideologia republicana. Este esforço será marcadamente também de Leonardo Coimbra. Na verdade, o comprometimento educativo e pedagógico do filósofo andou a par do seu comprometimento político. Veja-se como o impulso para a criação de escolas populares, como a dos Amigos do ABC, decorre a par de um crescente interesse pelas questões políticas, mesmo que a ideologia de Leonardo fosse, de início, mais próxima do anarquismo. Na verdade, nunca deixou de o ser, se não tomarmos o anarquismo de Leonardo como o anarquismo ortodoxo do final do século XIX. O anarquismo de Leonardo não se detinha na vulgaridade, no egoísmo e no solipsismo do Eu — o anarquismo de Leonardo não era a apologia da desordem mas o seu contrário: a apologia da Justiça, tendo como base axiológica a Liberdade. Neste sentido, a postura política de Leonardo foi sempre fiel ao anarquismo que, de início, por ele chamava. Os programas políticos valiam, afinal, apenas como uma ajuda para o esforço de verdadeira ascensão à Unidade, para o qual a vida religiosa realmente apelava. A vida religiosa foi, para Leonardo Coimbra, a vida de maior valor, e a política cumpriria o seu papel na medida em que auxiliasse numa melhor compreensão, numa melhor disposição individual e social para essa elevação. A educação, naturalmente, cumpre aí um papel decisivo.

Foi, então, na orientação educativa e pedagógica que a intervenção política de Leonardo teve mais representação, tendo sido ministro da Instrução Pública por duas vezes, uma em 1919 e outra em 1922. O problema que determinou o insucesso político de Leonardo foi justamente o facto de ter feito conviver de perto, no seu pensamento, a vida religiosa e a educação. Tendo pensado na educação como uma orientação e rota para uma ética superior que iria ter à religião, defendeu a liberdade de pensamento, querendo isto significar que nem a educação poderia estar rigidamente submetida a uma ortodoxia estática e castradora, nem ela teria necessariamente de estar desassociada de uma ortodoxia determinada, se esta respirasse o espírito democrático que permitia a sua livre difusão. No que ao primeiro caso diz respeito, o ministro criou polémica com a transferência da Faculdade de Letras de Coimbra para o Porto; no que ao segundo caso respeita, criou polémica com a deliberação da liberdade de ensino religioso nas escolas privadas.

A resolução sobre a transferência da Faculdade de Letras de Coimbra para o Porto — mais correto será pensar na extinção da Faculdade em Coimbra e da sua criação no Porto — tinha em vista libertar o ensino das humanidades de uma certa intemperança, conservada ainda por certas fações da Igreja Católica. O ministro considerava que o *contexto histórico* e uma *influência de uma monarquia-clerical* centrada em Coimbra deturpavam, chegando mesmo a pôr em risco, os princípios republicanos. Claro que uma parte da elite católica se sentiu insultada, mas, apesar de polémica, a

deliberação foi aprovada. A Faculdade de Letras da Universidade do Porto estaria em funcionamento entre o ano letivo de 1919-1920 e 29 de julho de 1931, tendo a Faculdade sido suprimida por um decreto de abril de 1928. O ensino das Humanidades na cidade do Porto viria a ser recuperado apenas em 1961.

Entretanto, na primeira faculdade ter-se-iam formado 167 alunos. Mas, para agravar a polémica, estes alunos tiveram como professores pessoas selecionadas por Leonardo Coimbra. Leonardo reuniu um grupo de professores, resultado de um recrutamento entre o grupo de sócios da Renascença Portuguesa, entre professores do Liceu Gil Vicente e entre estagiários da Escola Normal Superior. O facto de alguns professores não terem instrução formal e de todo o corpo docente não ter prestado provas de concurso fez a deliberação soar a fraude e levou à indignação do meio académico nacional. Na verdade, não se tratava de fraude, tratava-se antes de libertar um ensino de certas doutrinas estagnadas e de o fazer conviver com disposições mais em consonância com o espírito democrático. Do grupo de docentes dessa primeira Faculdade de Letras destacam-se: Teixeira Rego, Aarão de Lacerda, Newton de Macedo, a par do próprio Leonardo. Dessa Faculdade saíam discípulos como Álvaro Ribeiro, José Marinho, Delfim Santos e Agostinho da Silva.

A segunda polémica perpetrada por Leonardo enquanto ministro, a da decisão que homologava a liberdade de ensino nas escolas privadas — que não foi aprovada —, obedecia ao mesmo princípio pelo qual se regia a decisão da criação da Faculdade

de Letras da Universidade do Porto: a fidelidade ao espírito democrático. O ensino religioso era, para Leonardo, perfeitamente legítimo e em nada afetava o espírito democrático, pelo contrário, até o protegia, desde que fosse verdadeiro e não traiçoeiro (como Leonardo Coimbra considerava ter sido em Coimbra). Nesta polémica, o ministro não teve já de enfrentar a elite católica, mas os seus partidários republicanos que consideravam incompatíveis a religião e a ciência. Uma facção substancial dos republicanos vira sempre a religião, em particular a religião católica, como um inimigo declarado. Leonardo, no entanto, procurava desfazer este fantasma e o falso equívoco da incompatibilidade entre a religião e a ciência. A liberdade do ensino religioso dava prova da fidelidade ao verdadeiro espírito democrático. A não aprovação da medida levou ao pedido de demissão do cargo de ministro. Desistir da liberdade de ensino era, escrevia Leonardo, «mentir à minha consciência de filósofo e ao meu carácter de homem verdadeiro e leal»⁴.

Esta cisão entre Leonardo e alguns republicanos, bem como aquela outra entre Leonardo e uma facção estagnada da ortodoxia, dão bem conta do idealismo do filósofo a lutar contra o fundamentalismo oculto. Afinal, o livre-pensamento de alguns republicanos não passava, como o notou Leonardo Coimbra, de um dogmatismo ateu e materialista, que não se poderia revelar outra coisa senão vazio. O materialismo não poderia sobrepor-se ao homem

4 Idem, *Obras Completas*, vol. v, t. I, «[Carta de renúncia ao mandato de deputado]», p. 214.

de carne e osso. Essa seria a postura de um puro formalismo democrático, sem alma; seria a gnosiologia mecanicista a mortificar a antropologia leonardina — a ciência não era, para Leonardo, a objetividade esterilizada, mas sim uma disciplina com motivações morais e espirituais. Em Leonardo, a gnosiologia está muito próxima da relação amorosa, porque, para o filósofo, conhecer implica amar. A divergência entre Leonardo e alguns dos seus opositores assinala a diferença entre uma razão imóvel e uma razão experimental, conceito-síntese de Leonardo que abrange o seu pensamento em diversas áreas.

O Mestre/O Filósofo

É possível que seja um requisito do Mestre criar discípulos, e é também possível que seja um requisito do verdadeiro Mestre não os querer. Pelo que temos já dito sobre a liberdade de ensino, compreender-se-á com facilidade que Leonardo Coimbra não era o tipo de Mestre que procurava criar discípulos daqueles a quem se definha a autonomia do pensamento até que se tornem cópias do seu professor. Leonardo Coimbra era o contrário desse Mestre; era o Mestre que incitava tão marcadamente à liberdade, que chegava ao ponto de ter como objetivo que os seus discípulos fossem capazes de o desacreditar. Escreveu um aluno seu, recordando-o: «Leonardo Coimbra [...] fez-me descobrir, graças à sua eloquência de lágrimas nos olhos, a sociedade dramática da existência. Mas teve acima de tudo esta extraordinária virtude pedagógica: a de me ensinar o contrário do que pretendia [...] Quer dizer: ensinou-me a ser livre. E é, no fim de contas, este gosto a liberdade, em

mim sempre ligado à ideia do Liceu Gil Vicente, que mo torna tão grato e tão querido.»⁵

Referimos, acima, alguns dos discípulos de Leonardo, emergidos da Faculdade de Letras, aos quais agora acrescentamos alguns outros, formados no âmbito da Renascença Portuguesa: António Quadros, António Telmo, Orlando Vitorino, Afonso Botelho e António Braz Teixeira. Estes, os mais conhecidos, porque muitos foram os que ficaram marcados pela sua presença. A começar, desde logo, por aqueles que fizeram parte dos Amigos do ABC, o projeto educacional dirigido às classes trabalhadoras, com sede na Rua da Fábrica (Porto), que se dedicava a alfabetizar operários. O foco era, formalmente, a alfabetização, mas, idealmente, atingia também a difusão dos valores anarquistas. Isto porque Leonardo se propôs, desde o início da sua função de professor, mestre e pedagogo, a conciliar o ensino dos aspetos formais com o ensino dos aspetos ideológicos. Desde os textos escritos para *A Águia*, Leonardo mostrou a sua vontade de contribuir para um Estado Republicano capaz de reformular e moralizar as suas instituições. Os textos sobre a reforma do ensino e da educação incidiam, desde o início, com particular ênfase, na educação ética. Leonardo Coimbra defendia que era preciso ensinar a luz do espírito e não somente

5 FERREIRA, José Gomes, depoimento que consta do *Boletim dos Antigos Alunos do Liceu Gil Vicente*. Cf. AA.VV., *Leonardo Coimbra, Testemunhos dos Seus Contemporâneos*, coordenação de Sant'Anna Dionísio, Porto, Livraria Tavares Martins, 1950.

as letras do alfabeto. Só à custa da luz do espírito poderia um discípulo contrariar o mestre; apenas com as letras, o pensamento definharia no formalismo oco — mas claro, sabia-o bem Leonardo, as letras nunca vêm sós. Formalismo e idealismo ajudam-se um ao outro — isto era essencial que o seu auditório percebesse. Leonardo incitava ao desenvolvimento de consciências instruídas e livres: «Livres e fortes, sejamos simples, verídicos e indagadores.»⁶

Foi tendo isto em mente, que aceitou o cargo de diretor do Colégio dos Órfãos de Braga, logo em 1911, mas do qual se demitiu por se incompatibilizar com a política educativa da instituição, que lhe limitava a ação e o impedia de modificar os ineficientes métodos pedagógicos. Encontrou aí o mesmo vício e fundamentalismo imoderado que viria a contestar, anos mais tarde, na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. Leonardo Coimbra defendeu uma educação integral, formadora de consciências responsáveis, atentas e livres, onde o cristianismo teve sempre um lugar especial.

No início como no fim, Leonardo Coimbra manteve-se fiel aos valores que considerava fundamentais. Todavia, é necessário ter em conta que estes valores foram ensinados na sala de aula mas também nos textos escritos e nos discursos orais. A obra do pensador dá-nos um sistema filosófico unitário e amplo (sem ser totalizador), integral e consequente, que procurou oferecer resposta às

6 COIMBRA, Leonardo, *Obras Completas*, vol. I, t. II, «O Criacionismo», Lisboa, INCM, p. 378.

ansiedades que preocupavam Leonardo Coimbra — que eram tanto de ordem epistemológica e gnoseológica como de ordem antropológica, ou de ordem moral e religiosa. A filosofia leonardina corresponde à necessidade de unir integralmente as partes, tendencialmente dispersas, como sejam a razão e a experiência, o absoluto e a realidade, a forma e a matéria.

Ocupa, no seu trabalho, lugar central a Liberdade, nomeadamente na definição da rota para a Justiça, sintoma da Unidade de Amor que cobre o Universo. A filosofia de Leonardo Coimbra assumiu-se, desde o início, antes em esboço e depois de forma mais metódica a partir d'*O Criacionismo*, como uma filosofia da liberdade, procurando uma atividade cósmica progressiva e criadora. O *Criacionismo* é uma filosofia do conhecimento, mas também um método de libertação, porque se apresenta como procura de uma metafísica moral e religiosa, com ênfase na ação humana — na ação humana do homem de carne e osso. Mesmo a moral, por vezes tendente ao idealismo, é, em Leonardo Coimbra, não obstante a manifesta influência kantiana, *terrena*. «Com Leonardo, todas as categorias morais kantianas descem do céu estrelado à terra, tendo em conta o homem de carne e osso, o homem que vive, que sente, que ama e que sofre, na concretude da vida, mas que tem esperança e fé, não só na razão, como na sua abertura ao absoluto.»⁷ A an-

7 COSTA, António Martins da, *O Pensamento Filosófico Português Contemporâneo. A Receção de Kant em Leonardo Coimbra*, Porto, UCE, 2012, p. 18.

tropologia de Leonardo Coimbra concebe o homem como um princípio ativo; não como matéria inerte de um mundo feito, mas como criador ativo de um mundo que se vai (re)fazendo. Toda a conciliação entre teoria e prática que ressoa no seu pensamento e na sua obra está submetida a este princípio. A cada homem cabe a leal atenção que lhe permite dar resposta ao seu singular lugar na existência. Na antropologia de Leonardo Coimbra, atenção e ação, pensar e ser não estão dissociados, não há dualidade de oposição entre ambos — na mesma pessoa, ser e pensar convergem para o mesmo lugar: o lugar de cada um. Mas esse lugar de cada um tem, para Leonardo, um comprometimento direto com a ordem do Verbo.

O personalismo cristão do seu pensamento, detetável pelo menos desde 1912, torna claro que as diretrizes da sua antropologia são a dignidade e a liberdade humanas. Para Leonardo Coimbra, o homem não é apenas um *indivíduo*, enformado por uma moral utilitarista e pelo egoísmo, mas é entendido como *pessoa* — noção superior que, enquanto síntese, remete sempre para outras pessoas: cada pessoa é uma dependência de outras pessoas. A pessoa é uma manifestação do condicionamento e da reciprocidade, implicados no movimento da *relação*. A dignidade e a liberdade humanas remetem justamente para a convivência implicada na natureza da pessoa: a solidariedade da sociedade cósmica atribui à pessoa um lugar insubstituível, inviolável e autónomo. Na pessoa ressoa o todo do ser plural, sem que, contudo, se perca a unidade. Há, pois, um sentido cósmico na antropologia leonardina. Não obstante a pluralidade de onde

emerge a pessoa, nela, os dualismos e as contradições esvanecem, tanto mais no momento superior da Graça, que traz à pessoa a presença universal, segura já, no colo de Deus.

Quando falamos da liberdade leonardina não falamos, pois, meramente de um direito cívico, mas de uma condição ontológica para a aventura humana, cuja qualidade primeira — a humanidade — aponta para Deus, a unidade no amor. Desde *O Criacionismo*, a relação do filósofo com Deus é uma relação de confiança, embora não tenha sido sempre um ato de fé. Mas a virtude de uma vida moral é sempre central a todos os discursos de Leonardo. O sistema *criacionista* surgia como contraveneno do positivismo que obumbrava a Academia e trazia uma resposta equilibrada para a cooperação do materialismo e do espiritualismo. A relação Ciência-Metafísica é uma relação nuclear da obra do filósofo. O *criacionismo* afirmava-se como uma atividade do espírito que pretendia sínteses cada vez mais convergentes, contrariando o solipsismo estéril de certa investigação científica (o *cousismo*), aproximando-se de uma unidade integrativa da pluralidade. O pensamento dialético do *criacionismo* não é meramente lógico: implica o esforço de encontrar acordo nas relações da experiência. A gnoseologia leonardina implica a interação entre razão, intuição e realidade. É dessa interação que resulta uma razão *criacionista*, depois renomeada, *razão experimental*. Não uma razão imóvel e *cousista*, mas uma razão dinâmica, *criacionista* e *experimental*. Este esforço de acordo entre a razão e a experiência percorre toda a obra do filósofo, na medida em que se alas-

tra à insistência do acordo (e não da dissonância) entre a ação e o pensamento, a matéria e a ideia, o corpo e o espírito, a palavra e o significado. Desta forma, as atividades propostas pelo *criacionismo* e, depois, pela *razão experimental* notam uma forte dimensão hermenêutica e semiológica, porque levantam também o problema da análise de conceitos e de símbolos.

Considerando que a matéria não se dissocia do espírito, e o mundo (a concepção dele) não existe sem pensamento (a matéria é uma determinação da dialética do pensamento), torna-se possível, por extensão, conceber uma alma para o mundo: a matéria deixa de ter sentido sem um *direcionismo*, sem um *finalismo*, afinal. Leonardo terá certeza, inicialmente, que a *qualidade* (o valor) se sobrepõe à *quantidade* (o facto), mas tornar-se-á, mais tarde, explícito e *revelado* que o *finalismo* supera o *determinismo*.

A originalidade do pensamento de Leonardo Coimbra convive de modo dinâmico com o pensamento de pensadores como Kant, Bergson, Renouvier, Hamelin, Boutroux, entre outros. Aliás, a universalidade e a novidade do pensamento do filósofo português ficam, porventura, mais claras em comparação com outros sistemas filosóficos: «Para além de Hamelin, Leonardo afirma a actividade do espírito como meramente funcional e sintética, na sua palavra, criacionista. Para além de Brunschvicg, admite um Deus pessoal, princípio e fim de todo o movimento do Universo. Contra Bergson, reivindica o valor da inteligência como faculdade do ser, mas, com ele, caminha para Deus através da actividade moral, que é vida de aspiração e desejo da

Justiça, da Bondade e da Beleza absolutas, através do sentido do Mistério, da participação no Todo, no fim de contas, através de uma velada intuição de um querer heróico.»⁸ A originalidade do seu pensamento deve-se, na opinião de um dos investigadores da obra leonardina, à junção que o seu sistema estabelece entre o idealismo funcionalista, dialético e sintético e o intuicionismo metafísico de cariz moral, que sustenta a hipótese plausível da existência de Deus (*Deus-Criador* e *Deus-Infinito-Amor*). O ideorealismo de Leonardo Coimbra une em si natureza e história, natural e sobrenatural, razão e Revelação, teologia e Fé⁹.

Como podemos compreender, a defesa da liberdade, de consciências livres, o integralismo dos meios formais do conhecimento com os apelos do sentir que o dirigem — e o sentir é, não mera emoção, mas profunda atenção das relações — são encontrados na filosofia de Leonardo Coimbra e orientam as suas motivações pedagógicas. A coerência que a pessoa de Leonardo Coimbra sugere fará já o leitor imaginar que também na figura do orador encontramos estes pressupostos. É certo, mas talvez a particularidade do orador seja a progressiva proximidade que faz notar entre o pensamento e a vida de Leonardo e a ideia de *finalismo*.

8 ALVES, Ângelo, *O Sistema Filosófico de Leonardo Coimbra. Idealismo Criacionista*, Porto, Livraria Tavares Martins, 1962, p. 240.

9 Idem, *Leonardo Coimbra 1983-1936*, Porto, Estratégias Criativas Editoras, 2007, p. 37.

O Orador/O Homem Espiritual

Leonardo Coimbra não foi um simples erudito, um daqueles homens, como às vezes se fazem, que são enciclopédias incapazes de ligar as entradas que as compõem. O conhecimento que Leonardo colecionou apareceu sempre relacionado com e a tentar dar resposta às suas ansiedades existenciais. A filosofia, a ciência, a teologia e a literatura — para referir apenas os grandes ramos do saber — foram áreas profundamente exploradas pelo filósofo, mas com um impulso que se mostrava repassado pela emoção e pela experiência pessoal. O esforço de Leonardo brotava tanto da sua mente quanto do seu coração. Foi, aliás, a ânsia do integralismo que confirmou a atração de Leonardo pela filosofia — Leonardo manifestou, de início, alguma indecisão entre a carreira literária e a filosófica —, entendendo esta como a disciplina do acordo, por excelência. Considerou a filosofia como o mais alto testemunho do Universo e do seu valor, pois era a disciplina mais amplamente humana, pelo esforço de guardar de modo integral todas as realidades

cósmicas. Porém, a proximidade com outras áreas do saber, nomeadamente com a literatura, marcou manifestamente o seu discurso e pensamento. Orientado pela sedução da literatura, o seu discurso é estilisticamente muito expressivo e muito vivo e rico ao nível da eloquência; a sua retórica é ora grave e contundente, ora leve, graciosa e serena. O talento retórico de Leonardo Coimbra foi e é ainda hoje muito reconhecido. Mas, hoje, ele lê-se nos textos; no tempo de Leonardo, acontecia à frente do auditório.

Alguns escreveram que Leonardo era melhor orador do que escritor; e, a julgar pelos periódicos da época, não havia, então, génio mais completo. Também havia os que o denunciavam como sofista; e continuaram (porventura continuam) a existir, depois da sua morte. Talvez até possamos considerar Leonardo sofista, mas só se aceitarmos como sofista aquele cujo delito maior é não libertar os seus opositores com facilidade e ligeireza. Torna-se, aliás, demasiado irónica esta acusação, quando é dirigida àquele que não só desprezou o verbalismo como procurou ensinar os outros a detetá-lo. Estaria o louco a incriminar-se a ele mesmo?

Leonardo tinha plena noção das suas qualidades oratórias; mas, acima de tudo, tinha uma confiança assombrosa na sua honestidade. Isto o leva a anunciar, na apresentação d'*A Filosofia da Liberdade* (1912): «Eu trago o evangelho da Liberdade. Pequeno, simples e humilde, mas esforçado e sincero. Liberdade amorosa e criadora, por mim em mim procurada, não liberdade recebida por

graça de Deus ou mercê dos homens.»¹⁰ A segunda parte da afirmação, a do esforço próprio sem graça de Deus, será depois por ele próprio retificada; mas a primeira manter-se-ia sempre. Só que, alterando a segunda, também a primeira parte se altera: a liberdade além de amorosa e criadora tornava-se, entretanto, uma liberdade humilde e *finalista*. Afinal, o esforço podia ser do próprio, mas o único sítio onde podia ir ter era orientado pela Graça de Deus.

Leonardo Coimbra foi um inquiridor persistente, elevando-se a uma síntese cada vez mais coerente e integradora, não obstante a abrangência de tópicos do seu sistema filosófico, ao mesmo tempo que aprofundava de um modo resolúvel a condição humana e a realidade universal. Um sistema cada vez mais rigoroso e inderrubável, que superava os ataques, tornando-se cada vez mais íntegro, era a prova do que havia de mais humano em Leonardo Coimbra. O que é próprio do espírito humano é tirar conclusões, e quem as tira de modo imediato (afinal inconclusivo), pronto a substituí-las por outras é apenas um *ímpio*, caindo à força da corrente, desistindo da (re)conquista da verticalidade. Pelo contrário, o sistema de Leonardo Coimbra é a prova desse esforço de verticalidade — é nesse sentido que é, no fim, um sistema íntegro e englobante, assombrosamente honesto, como poucos humanos conseguem ser. A verticalidade do filósofo deve-se talvez à

10 COIMBRA, Leonardo, *Obras Completas*, vol. I, t. I, «A filosofia da liberdade», p. 292.

mais pura das coisas: a crença no real. Os falsos pensadores negam-no e reformam-no; Leonardo, como vimos, sempre procurou recuperá-lo. Para o filósofo, a convivência dos seres e das coisas no Universo não é uma mera anedota, mas tem o peso da *relação* — neste sentido foi sempre Leonardo um homem religioso. Só que aquilo que, de início, aparentava ser uma espécie de panteísmo foi ter ao personalismo cristão.

Não haverá, neste *Essencial*, espaço para analisar os discursos, muitos deles publicados, do orador Leonardo Coimbra. Todavia é preciso deixar uma imagem do impacto que o pensador provocou. Sobretudo os discursos da fase final sugerem um homem admiravelmente esclarecido, revelado, que suspende o auditório pelo repto de claridade que faz vislumbrar. O *criacionismo* e a *razão experimental* são nomes do percurso que Leonardo Coimbra faz até à humildade da ortodoxia do catolicismo, à humildade de acatar, sem reticências, à Verdade — porque a Verdade não é uma coisa criada pela vaidade de um intelecto singular, mas a luminosa e simples adesão ao real. A adesão do filósofo à ortodoxia católica confirmava suspeitas que se faziam sentir (já antes mas), pelo menos, desde 1922. Leonardo Coimbra é, como G. K. Chesterton escrevia sobre si, o homem que, com a maior ousadia, descobriu aquilo que já fora descoberto muito antes. Ângelo Alves defende que Leonardo Coimbra não perde originalidade na adoção da doutrina católica — particularmente na adoção do ideorealismo aristotélico-tomista —, mas apenas talvez uma certa propriedade filosófica. Isso, porém, para

ganhar a solidez da uma tradição mais perene — milenarmente perene ¹¹.

A morte de Leonardo Coimbra está envolta em polémica — primeiro, porque a figura de Leonardo esteve sempre mais ou menos envolta em alguma, segundo, por causa da sua recente adesão à ortodoxia católica — mas o seu percurso aponta para a serenidade da certeza. Por isso, uns anos antes, se havia Leonardo arrependido dos insultos aos seus opositores, dos amargos conflitos gerados pela ansiedade e angústia perplexantes. O medo gera frustração e tirania; a certeza gera serenidade e perdão. Liberto das dúvidas, Leonardo abria-se à Alegria da certeza. Mais: à Graça da certeza; porque a Graça é o retorno sereno à Alegria inicial. Entre a Alegria e a Graça situa-se a Dor, esse momento que assinala a consciência do mal, a consciência da desarmonia dos seres — porque o mal só pode ser a separação. Como ensinou o filósofo, vencer a Dor é refazer a harmonia; a vitória é obra do amor: relação recuperada, mais íntegra e inabalável do que alguma vez foi. A Dor existe para revelar Deus, porque exige uma atenção profunda às relações partidas do mundo — é ela o grande sinal de uma desarmonia saudosa de unidade. A verticalidade do pensador, sustentada pela sua honestidade e pela sua humildade, fê-lo ir ter ao caminho uno e único do amor: há muitas formas de vergar, mas só uma (a cada um a sua) de permanecer em pé. A conversão de Leonardo Coimbra é o momento

11 ALVES, Ângelo, *Leonardo Coimbra 1983-1936*, Porto, Estratégias Criativas Editora, 2007, pp. 37-38.

máximo da afirmação daquilo que já vinha muito sugerido n'*A Alegria, a Dor e a Graça*: que o mal é o mau uso da liberdade — o mal pertence ao plano ético e da ação, não ao plano ontológico, ao qual pertence somente o bem. Foi no socorro da Graça e na infinita piedade de Jesus que Leonardo Coimbra encontrou a resposta que solucionava mais questões. E, porventura, terá chegado ao fim a pensar que tinha apenas feito o caminho que muitos outros, antes dele, tinham já feito. Foi aí que encontrou o *Homem de sempre*, a mais elevada expressão do humanismo cristão. Um acidente abrupto tira-lhe, então, a vida. Ou teria sido Deus a abrir a porta à qual Leonardo tinha batido.

Conclusão

Leonardo Coimbra escreveu que «nenhum povo tem o direito de abandonar os seus homens de mais alto espírito à simples admiração passiva dos que nas memórias somente trazem a lista de seus nomes»¹². Não vale de nada saber o nome, se não se conhece o homem e a sua ação. É preciso disponibilizar alguma atenção àqueles que tanto disponibilizaram por nós. É possível que o nome de Leonardo Coimbra pereça; de certa forma, é desejável que pereça, porque, o próprio Leonardo concordaria, não é o homem que deve permanecer, mas a luz que este recuperou para seus irmãos. Leonardo Coimbra morreu em pleno êxtase da sua ação, a sua luz confundiu-se com a maior e eterna luz. É a essa que devemos ir ter — tanto melhor, se com a ajuda da luz dele: o seu esforço não terá sido em vão.

12 COIMBRA, Leonardo, *Obras Completas*, vol. IV, «O pensamento filosófico de Antero de Quental», p. 333.

Pelo que temos dito, neste *Essencial* sobre Leonardo Coimbra, torna-se manifesto que este foi uma figura maior do nosso país e da nossa nacionalidade, marcante no período capital da formação da jovem República, embora, em parte, abandonado por ela. Talvez por isso seja essencial conhecê-lo: a História está mais próxima do que, por vezes, possa parecer, e a jovem República talvez ainda não tenha dado provas de ser uma senhora madura e hábil — porventura deve ainda escutar os seus pais. A República é uma menina que se tornará senhora, e, como escreveu Leonardo, as senhoras têm de ser tratadas com «um fino tacto, uma comovida e enleada delicadez [*sic*] e muito enternecimento»¹³. Foi esse trato que Leonardo Coimbra procurou ensinar. E não será, agora, estranho ver os filhos da República virar as costas à sua *mátria*, numa pátria nossa que tem a saudade como o ímpeto de levar no peito o amor do lar?

13 Idem, *Obras Completas*, vol. III, «A alegria, a dor e a graça», p. 61.

Bibliografia essencial

I – Principais edições da Obra de Leonardo Coimbra

COIMBRA, Leonardo, *Obras Completas*, vols. I-VIII, Lisboa, INCM, 2004-2014. Conselho científico da Universidade Católica Portuguesa, Centro Regional do Porto; coordenação científica por Ângelo Alves.

—, *Cartas, Conferências, Discursos, Entrevistas e Bibliografia Geral*, Lisboa, Fundação Lusíada, 1994; org. por J. Pinharanda Gomes.

—, *Dispersos*, vols. I-III, Lisboa, Editorial Verbo, 1984-1988.

COIMBRA, Leonardo, *Obras de Leonardo Coimbra*, 2 vols., Porto, Lello e Irmão – Editores, 1983.

II – Obras de referência sobre Leonardo Coimbra

AA.VV., *Leonardo Coimbra. Testemunhos dos Seus Contemporâneos*, Porto, Livraria Tavares Martins, 1950; pref. e org. por Sant'Anna Dionísio.

—, *Actas do Colóquio Leonardo Coimbra. No Centenário da Sua Morte*, Lisboa, ed. Didaskalia, 1989.

—, *Nova Águia*, n.º 10, «Leonardo Coimbra», Sintra, Zéfiro, 2012.

—, «Leonardo Coimbra. No centenário de *O Criacionismo*», in *Humanística e Teologia*, t. xxxiv, fasc. 2, dezembro de 2013, Porto, UCE.

ALVES, Ângelo, *O Sistema Filosófico de Leonardo Coimbra. Idealismo Criacionista*, Porto, Livraria Tavares Martins, 1962.

—, *Leonardo Coimbra 1983-1936*, Porto, Estratégias Criativas Editora, 2007.

- COSTA, António Martins da, *O Pensamento Filosófico Português Contemporâneo. A Recepção de Kant em Leonardo Coimbra*, Porto, UCE, 2012.
- , «Problemas fundamentais na gnoseologia bergsoniana e leonardina», in *RPF*, vol. 69, fasc. 2, Braga, 2013, pp. 351-376.
- CUNHA, Norberto Ferreira da, «Leonardo Coimbra e a 1.^a República», in AA.VV., *Figuras da Cultura do Porto nas Comemorações da República*, Porto, CNC, 2013, pp. 107-174.
- FAVA, Fernando Mendonça, *Leonardo Coimbra e a I República – Percurso Político e Social de Um Filósofo*, Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra, março de 2008.
- MARINHO, José, *O Pensamento Filosófico de Leonardo Coimbra*, Porto, Livraria Figueirinhas, 1945.
- NATÁRIO, M. Celeste, *O Pensamento Dialéctico de Leonardo Coimbra*, Amarante, Edições do Tâmega, 1997.
- PATRÍCIO, Manuel Ferreira, *A Pedagogia de Leonardo Coimbra. Teoria e Prática*, Porto, Porto Editora, 1992.
- PIMENTEL, Manuel Cândido, *Filosofia Criacionista da Morte: Meditação sobre o Problema da Morte no Pensamento Filosófico de Leonardo Coimbra*, Ponta Delgada, Universidade dos Açores, 1994.
- , *A Ontologia Integral de Leonardo Coimbra – Ensaio sobre a Intuição do Ser e a Visão Enigmática*, Lisboa, INCM, 2003.
- PINHO, Arnaldo de, *Leonardo Coimbra. Biografia e Teologia*, Porto, Lello & Irmão, 1999.
- RIBEIRO, Henrique Jales, *Estudos sobre a Filosofia na Europa e em Portugal, Vol. II, Leonardo Coimbra e a Filosofia na Europa do Seu Tempo*, Coimbra, Edições Minerva Coimbra, dezembro de 2015.
- SANTOS, Alfredo Ribeiro dos, *Perfil de Leonardo Coimbra*, Lisboa, Fundação Lusíada, 1988.

- SANTOS, Delfim, *Actualidade e Valor do Pensamento Filosófico de Leonardo Coimbra*, Porto, Publicações do Centro de Estudos Humanísticos, 1956.
- SPINELLI, Miguel, *A Filosofia de Leonardo Coimbra. O Homem e a Vida. Dois termos da Sua Antropologia Filosófica*, Braga, Publicações da Faculdade de Filosofia, 1981.

O Essencial sobre

- 1 **Irene Lisboa**
Paula Morão
- 2 **Antero de Quental**
Ana Maria A. Martins
- 3 **A Formação da Nacionalidade**
José Mattoso
- 4 **A Condição Feminina**
Maria Antónia Palla
- 5 **A Cultura Medieval Portuguesa (Séculos XI a XIV)**
José Mattoso
- 6 **Os Elementos Fundamentais da Cultura**
Jorge Dias
- 7 **Josefa d'Óbidos**
Vitor Serrão
- 8 **Mário de Sá Carneiro**
Clara Rocha
- 9 **Fernando Pessoa**
Maria José de Lancastre
- 10 **Gil Vicente**
Stephen Reckert
- 11 **O Corso e a Pirataria**
Ana Maria P. Ferreira
- 12 **Os «Bebés-Proveta»**
Clara Pinto Correia
- 13 **Carolina Michaëlis de Vasconcelos**
Maria Assunção Pinto Correia
- 14 **O Cancro**
José Conde
- 15 **A Constituição Portuguesa**
Jorge Miranda
- 16 **O Coração**
Fernando de Pádua
(2.^a edição)
- 17 **Cesário Verde**
Joel Serrão
- 18 **Alceu e Safo**
Albano Martins
- 19 **O Romanceiro Tradicional**
J. David Pinto-Correia
- 20 **O Tratado de Windsor**
Luís Adão da Fonseca
- 21 **Os Doze de Inglaterra**
A. de Magalhães Basto
- 22 **Vitorino Nemésio**
David-Mourão Ferreira
- 23 **O Litoral Português**
Ilídio Alves de Araújo
- 24 **Os Provérbios Medievais Portugueses**
José Mattoso
- 25 **A Arquitectura Barroca em Portugal**
Paulo Varela Gomes
- 26 **Eugénio de Andrade**
Luís Miguel Nava
- 27 **Nuno Gonçalves**
Dagoberto Markl
- 28 **Metafísica**
António Marques
- 29 **Cristóvão Colombo e os Portugueses**
Avelino Teixeira da Mota

- 30 **Jorge de Sena**
Jorge Fazenda Lourenço
- 31 **Bartolomeu Dias**
Luís Adão da Fonseca
- 32 **Jaime Cortesão**
José Manuel Garcia
- 33 **José Saramago**
Maria Alzira Seixo
- 34 **André Falcão de Resende**
Américo da Costa Ramalho
- 35 **Drogas e Drogados**
Aureliano da Fonseca
- 36 **Portugal e a Origem da Liberdade dos Mares**
Ana Maria Pereira Ferreira
- 37 **A Teoria da Relatividade**
António Brotas
- 38 **Fernando Lopes-Graça**
Mário Vieira de Carvalho
- 39 **Ramalho Ortigão**
Maria João L. Ortigão de Oliveira
- 40 **Fidelino de Figueiredo**
A. Soares Amora
- 41 **A História das Matemáticas em Portugal**
J. Tiago de Oliveira
- 42 **Camilo**
João Bigotte Chorão
- 43 **Jaime Batalha Reis**
Maria José Marinho
- 44 **Francisco de Lacerda**
J. Bettencourt da Câmara
- 45 **A Imprensa em Portugal**
João L. de Moraes Rocha
- 46 **Raul Brandão**
A. M. B. Machado Pires
- 47 **Teixeira de Pascoaes**
Maria das Graças Moreira de Sá
- 48 **A Música Portuguesa para Canto e Piano**
José Bettencourt da Câmara
- 49 **Santo António de Lisboa**
Maria de Lourdes Sirgado Ganho
- 50 **Tomaz de Figueiredo**
João Bigotte Chorão
- 51/ **Eça de Queirós**
52 Carlos Reis
- 53 **Guerra Junqueiro**
António Cândido Franco
- 54 **José Régio**
Eugénio Lisboa
- 55 **António Nobre**
José Carlos Seabra Pereira
- 56 **Almeida Garrett**
Ofélia Paiva Monteiro
- 57 **A Música Tradicional Portuguesa**
José Bettencourt da Câmara
- 58 **Saúl Dias/Júlio**
Isabel Vaz Ponce de Leão
- 59 **Delfim Santos**
Maria de Lourdes Sirgado Ganho
- 60 **Fialho de Almeida**
António Cândido Franco
- 61 **Sampaio (Bruno)**
Joaquim Domingues

- 62 **O Cancioneiro Narrativo Tradicional**
Carlos Nogueira
- 63 **Martinho de Mendonça**
Luís Manuel A. V. Bernardo
- 64 **Oliveira Martins**
Guilherme d'Oliveira Martins
- 65 **Miguel Torga**
Isabel Vaz Ponce de Leão
- 66 **Almada Negreiros**
José-Augusto França
- 67 **Eduardo Lourenço**
Miguel Real
- 68 **D. António Ferreira Gomes**
Arnaldo de Pinho
- 69 **Mouzinho da Silveira**
A. do Carmo Reis
- 70 **O Teatro Luso-Brasileiro**
Duarte Ivo Cruz
- 71 **A Literatura de Cordel Portuguesa**
Carlos Nogueira
- 72 **Sílvio Lima**
Carlos Leone
- 73 **Wenceslau de Moraes**
Ana Paula Laborinho
- 74 **Amadeo de Souza-Cardoso**
José-Augusto França
- 75 **Adolfo Casais Monteiro**
Carlos Leone
- 76 **Jaime Salazar Sampaio**
Duarte Ivo Cruz
- 77 **Estrangeirados no Século XX**
Carlos Leone
- 78 **Filosofia Política Medieval**
Paulo Ferreira da Cunha
- 79 **Rafael Bordalo Pinheiro**
José-Augusto França
- 80 **D. João da Câmara**
Luiz Francisco Rebello
- 81 **Francisco de Holanda**
Maria de Lourdes Sirgado Ganho
- 82 **Filosofia Política Moderna**
Paulo Ferreira da Cunha
- 83 **Agostinho da Silva**
Romana Valente Pinho
- 84 **Filosofia Política da Antiguidade Clássica**
Paulo Ferreira da Cunha
- 85 **O Romance Histórico**
Rogério Miguel Puga
- 86 **Filosofia Política Liberal e Social**
Paulo Ferreira da Cunha
- 87 **Filosofia Política Romântica**
Paulo Ferreira da Cunha
- 88 **Fernando Gil**
Paulo Tunhas
- 89 **António de Navarro**
Martim de Gouveia e Sousa
- 90 **Eudoro de Sousa**
Luís Lóia
- 91 **Bernardim Ribeiro**
António Cândido Franco
- 92 **Columbano Bordalo Pinheiro**
José-Augusto França
- 93 **Averróis**
Catarina Belo

- 94 **António Pedro**
José-Augusto França
- 95 **Sottomayor Cardia**
Carlos Leone
- 96 **Camilo Pessanha**
Paulo Franchetti
- 97 **António José Brandão**
Ana Paula Loureiro de Sousa
- 98 **Democracia**
Carlos Leone
- 99 **A Ópera em Portugal**
Manuel Ivo Cruz
- 100 **A Filosofia Portuguesa
(Sécs. XIX e XX)**
António Braz Teixeira
- 101/ **O Padre António Vieira**
102 Aníbal Pinto de Castro
- 103 **A História da Universidade**
Guilherme Braga da Cruz
- 104 **José Malhoa**
José-Augusto França
- 105 **Silvestre Pinheiro Ferreira**
José Esteves Pereira
- 106 **António Sérgio**
Carlos Leone
- 107 **Vieira de Almeida**
Luís Manuel A. V. Bernardo
- 108 **Crítica Literária
Portuguesa (até 1940)**
Carlos Leone
- 109 **Filosofia Política
Contemporânea (1887-1939)**
Paulo Ferreira da Cunha
- 110 **Filosofia Política
Contemporânea
(desde 1940)**
Paulo Ferreira da Cunha
- 111 **O Cancioneiro
Infantil e Juvenil
de Transmissão Oral**
Carlos Nogueira
- 112 **Ritmanálise**
Rodrigo Sobral Cunha
- 113 **Política de Língua**
Paulo Feytor Pinto
- 114 **O Tema da Índia
no Teatro Português**
Duarte Ivo Cruz
- 115 **A I República
e a Constituição de 1911**
Paulo Ferreira da Cunha
- 116 **O Capital Social**
Jorge Almeida
- 117 **O Fim do Império
Soviético**
José Milhazes
- 118 **Álvaro Siza Vieira**
Margarida Cunha Belém
- 119 **Eduardo Souto Moura**
Margarida Cunha Belém
- 120 **William Shakespeare**
Mário Avelar
- 121 **Cooperativas**
Rui Namorado
- 122 **Marcel Proust**
António Mega Ferreira
- 123 **Albert Camus**
António Mega Ferreira

124 **Walt Whitman**

Mário Avelar

125 **Charles Chaplin**

José-Augusto França

126 **Dom Quixote**

António Mega Ferreira

127 **Michel de Montaigne**

Clara Rocha

O livro **O ESSENCIAL SOBRE
LEONARDO COIMBRA**
é uma edição da
IMPRESA NACIONAL-CASA DA MOEDA
tem como autor
ANA CATARINA MILHAZES
com design e capa do atelier
SILVADESIGNERS
composição, revisão e paginação
INCM
tem o ISBN **978-972-27-2455-5**
e depósito legal **406 492/16**.
A edição de **1000** exemplares
acabou de ser impressa no mês de **ABRIL**
do ano **DOIS MIL E DEZASSEIS**.
CÓD. **1021075**

www.incm.pt
www.facebook.com/INCM.Livros
editorial.apoiocliente@incm.pt

O E S S E N C I A L S O B R E

Leonardo Coimbra

Ana Catarina Milhazes

Leonardo Coimbra é uma figura incontornável do período da I República. Ministro da Instrução por duas vezes, orador de escol, é também uma das figuras mais marcantes da filosofia portuguesa. A imagem que não o deixa ser esquecido recorda um homem invulgar e superior. Mestre de muitos daqueles que levaram a cultura e a filosofia portuguesas para o exterior, Leonardo foi, não raras vezes, associado à figura do profeta. É ímpar a sabedoria englobante da sua obra. Também por isso foi muito polémico, mas, indubitavelmente, como todos aqueles que têm luzes, muito amado.

ISBN 978-972-27-2455-5



9 789722 724555

INCM
IMPRESA NACIONAL, CASA DA MOEDA